

Para além da fronteira: O *transbordo* como conceito crítico

Darlan Roberto dos Santos*

RESUMO:

Com base na estratégia pré-definida, de “ler as pessoas a partir de seu lócus”, propõe-se, no presente artigo, a problematização de novos conceitos críticos: o *transbordo* (com mais ênfase) e o *trocadilo*. Sob uma ótica que dialoga com os Estudos Culturais, parte-se, nessa empreitada, da personagem Estamira, apresentada no documentário homônimo, de Marcos Prado. O discurso de Estamira, bem como a exploração do *transbordo*, em contraste com outros “locais”, como a fronteira, fomenta a proposta que ora expomos.

Palavras-chave: Conceitos críticos. Estudos Culturais. Estamira.

Introdução

A fronteira é a fronteira da humanidade. Além dela está o não-humano, o natural, o animal. Se entendermos que a fronteira tem dois lados e não um lado só, o suposto lado da civilização; se entendermos que ela tem o lado de cá e o lado de lá, fica mais fácil e mais abrangente estudar a fronteira como concepção de fronteira do humano. (José de Souza Martins)

Tem o eterno, o infinito, tem o além e tem o além dos além. O além dos além, vocês ainda não viram. Cientista nenhum ainda viu o além dos além. (Estamira)

Em 1974, o escritor francês Georges Perec publicou o livro *Espèces d'espaces*, cuja proposta era interrogar os espaços, podendo abstrair das ruas de Paris uma leitura específica. O autor acreditava na existência de um “texto” da cidade, cuja decodificação se daria a partir da observação das vias públicas. Daí, infere-se que pensar o mundo contemporâneo através da geografia cambiante de nossas cidades parece ser uma estratégia acertada, na medida em que a espacialidade adquire destaque ímpar em nossa época. Acreditamos, inclusive, que é possível ir além; estender a metodologia de Perec, ao ponto de lermos, a partir dos locais, as pessoas que os povoam.

De fato, as noções de territorialidade e de pertencimento já renderam importantes teorizações, como o entre-lugar delineado por Silviano Santiago, os não-lugares propostos por Marc Augè, e a dicotomia centro/margem, mobilizada ao longo deste trabalho (e tão abordada pelos Estudos Culturais). O próprio vocábulo território é convertido em conceito crítico, por Guattari e Rolnik, na obra *Micropolítica: cartografias do desejo*, em que se amplia a noção de território, extrapolando o senso comum, desde a etologia e a etnologia. Para os autores, os seres se organizam “segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos” (GUATTARI, ROLNIK, 1986, p. 388).

Assim, o território pode relacionar-se tanto a um espaço vivido, quanto a um local onde o indivíduo sinta-se “em casa”. À luz da teoria de Guattari e Rolnik, território passa a ser sinônimo de apropriação, subjetivação fechada sobre si mesma, conjunto de projetos e representações que remetem a comportamentos e ações, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos.

Partindo de tais considerações, nosso objetivo é propor novos conceitos críticos, concatenados com os Estudos Culturais e Subalternos, capazes de abarcar determinadas subjetividades, que vivenciam a extrema segregação, em vários âmbitos (social, econômico, ideológico...). Para isso, partir-se-á de um *corpus* modelar específico: a personagem Estamira, enfocada no documentário homônimo, de Marcos Prado (2004a). Sexagenária, negra, esquizofrênica, vítima de estupro e abandonada pelo marido, a catadora de lixo, “habitante” de Jardim Gramacho, desenvolve, através do discurso, uma verdadeira “estratégia de sobrevivência”, cuja maior implicação é a maneira peculiar de ver o mundo. Situar o “*transbordo*” de Estamira e tentar fixá-lo como categoria capaz de nos desvendar qual é o lócus ocupado por pessoas como ela – homens-lixo, refugos humanos, que ultrapassam o limite da subalternidade – é o que se espera, no presente texto.

Transbordo e trocadilho: metáfora e metonímia da segregação

No campo das ideias, os lixões, assim como outros depósitos de marginalizados, tendem a catalisar “fragmentos de discursos julgados insubstanciais pelas rígidas categorizações do saber disciplinar; de detalhes (formas, estilos) considerados supérfluos e derivativos em relação ao predomínio central do conteúdo e da representação” (RICHARD, 2002, p. 176). O “residual” configura-se, por conseguinte, como hipótese crítica, permitindo-nos a abstração de múltiplas significações, a partir das sobras, dos elementos secundários, não-integrados. São eles que poderão nos revelar um conhecimento verdadeiramente original, uma alternativa ao saber institucionalizado, disciplinar, do qual Estamira e outros subalternos são dissidentes.

Trata-se de uma posição semanticamente rica, que desafia o trajeto perene que é a história dos vencedores. Especialmente, quando teima em criar entrelaçamentos; sempre que, de algum modo (pelo viés da literatura, por exemplo), emerge de seu curso subterrâneo. Essa “linha descontínua”, parafraseando Walter Benjamin, poderia encaixar-se no “lugar antropológico”, mencionado por Marc Augé (2007), “simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa” (AUGÉ, 2007, p. 51).

Esses “não-lugares”, a que nos referimos, têm em comum com aqueles delimitados por Augé¹ a despersonalização, conferida pelo *establishment*. São os “cinturões de irrealidade” extrínsecos à cidade, já que extrapolam a tutela efetiva do Estado: favelas, zonas de prostituição, consumo e tráfico de drogas, lixões... Deixam de exercer qualquer significação, na medida em que a sociedade não se enxerga (ou não quer se enxergar) nesses ambientes de abandono. Os “não-lugares” são como espaços inexistentes, invisíveis aos nossos olhos. Os “outros” que lá residem – não só geograficamente, mas ideologicamente – simplesmente não importam, não têm voz, nem mesmo corpo. Àqueles que se encontram nessa situação, nos “além dos além”, como menciona Estamira, não é reservado nem mesmo o entre-lugar, já que não existe fronteira possível de ser atravessada.

Esse “não-lugar”, muitas vezes, intrínseco aos seus representantes, será, no decorrer deste texto, chamado de *transbordo*² – um conceito dúbio, forjado a partir das lucubrações de Estamira. Um local que ela conhece muito bem, e, afirma, faz parte de sua missão revelá-lo a nós:

Os além dos além é um transbordo. Você sabe o que é um transbordo? Bem, é toda coisa que enche, transborda, então o poder superior real, a natureza superior contorna tudo pras reservas, é lá nas beiradas. Entendeu como é que é? Nas beiradas ninguém pode ir, homem nenhum pode ir lá. E aqueles astros horroroso, irrecuperável vai tudo pra lá e não sai mais nunca. Pra esse lugar que eu to falando, o além dos além. Lá pras beiradas, muito longe (PRADO, 2004b, p. 119).

Estamira apropria-se desse local acreditando ser sua única habitante, já que o sentimento de segregação parece contribuir para que ela se sinta absolutamente única, solitária. Um dos indícios da dubiedade que perpassa o conceito que pretendemos forjar aparece quando “ousamos” discordar de Estamira: ela não está só. A rede de relações que se estabelece no lixão (entre os catadores de lixo, e em relação ao próprio local em que se encontram inseridos) coloca nossa personagem em uma posição de mentora (e não de solitária); alguém que (embora não tenha consciência disso) põe-se a filosofar sobre a situação de proscritos, marginalizados e desvalidos que, como ela, em algum momento de suas vidas, transpuseram os limites da convenção, dos ditames sociais, da dignidade que ideologicamente se constrói em uma sociedade perpassada por valores muito específicos, como o dinheiro, o saber institucionalizado, a estética dominante.

O *transbordo*, onde Estamira diz se encontrar, serve como ponto de partida de sua enunciação – que não é da ordem do real, da normalidade. Mas não se trata de um relato permeado pelo lamento, ou pelo conformismo. O discurso estamiral é, sobretudo, um protesto – quase um manifesto contra a segregação: “Eu transbordei de raiva. Eu transbordei de ficar invisível com tanta hipocrisia, com tanta mentira, com tanta perversidade, com tanto trocadilo, eu, Estamira. E a culpa é do hipócrita, mentiroso, esperto ao contrário, que joga pedra e esconde a mão” (PRADO, 2004b, p. 119).

Trocadilo, outra palavra bastante utilizada por Estamira, é a síntese de tudo que nela desperta ira e mágoa. Em seu discurso, o *trocadilo* aparece sempre nos momentos de cólera, como substituto para o que a aflige – uma espécie de metonímia empregada por Estamira, na medida em que opera como uma transnominção, ocupando, no discurso da catadora de lixo, o lugar de tantas afecções, traumas e dissabores, acumulados vida afora. O *trocadilo* – neologismo polissêmico – representa a tentativa de nomear o que não é da ordem do nomeável. Invariavelmente, refere-se a “nós”, à sociedade estabelecida:

Vocês é comum, eu não sou comum. Só o formato que é comum. Vou explicar pra vocês tudinho agora, pro mundo inteiro: cegaram o cérebro, o gravador sanguíneo de vocês e o meu eles não conseguiram, porque eu to formato gente, carne, sangue, formato homem par, eles não conseguiram. É, a bronca deles é essa, do trocadilo! O trocadilo maldiçoado, excomungado, hipócrita, safado, canalha, indigno, incompetente, sabe o que ele fez? Mentir pros homens, seduzir os homens, cegar os homi, incentivar os homi e depois jogar no abismo. Foi isso que ele fez (PRADO, 2004b, p. 116).

Em um “não-lugar” definido como *transbordo*, Estamira relaciona o *trocadilo* a todas as circunstâncias que geraram sua segregação, e parece usar tal vocábulo como substituto de tais mazelas. Sob sua perspectiva, nós também somos vítimas do *trocadilo*, por estarmos subjugados a ele. É a partir dessa lógica que Estamira nos enxerga como inferiores. É a sua maneira de suportar uma vida de privações morais e materiais: “Ó, se quer saber, eu não tenho raiva de

homem nenhum, eu tenho é dó. Eu tenho raiva sabe de quê? Do *trocadilo*, do esperto ao contrário, do mentiroso, do traidor, desse que eu tenho raiva, ódio, nojo” (PRADO, 2004b, p. 119).

Trata-se de mais uma invenção vocabular de Estamira, viabilizada graças ao seu deslocamento, frente ao aprisionamento de subjetividades por posturas ideológicas. Assim como Estamira, seus vocábulos flutuam, transitam livremente entre a loucura e a riqueza sígnica. A capacidade de forjar palavras que sirvam ao seu discurso é similar à habilidade para encontrar, nos montes de lixo, utensílios e produtos que garantam sua subsistência. Estamira utiliza, na prática, o processo de desconstrução, ao desmontar sucatas e termos de nossa língua, redefinindo-os como algo que lhe seja útil.

Sua estratégia, aplicada ao discurso, é a da apropriação, do deslocamento. O *trocadilo* (e não “trocadilho”) desafia as categorias fixas e hegemônicas da cultura, por uma operação de bricolagem, em que substituição e complementaridade ajudam a tecer uma lógica peculiar. Mantém-se o caráter lúdico da palavra original (trocadilho), assim como a ambiguidade e o tom burlesco, embora a nova acepção seja muito mais contundente, afastando-se do tom jocoso e imbuindo-se de propriedades acusadoras. Se De Certeau (1999) classifica a bricolagem como a arte do fraco, arranjo feito com ‘meios marginais’, produção ‘sem relação com um projeto’, que reajusta ‘os resíduos de construções e destruições anteriores’, Estamira faz de sua bricolagem a “arte do forte”, daquele que cria seu “próprio projeto”, em patamar distinto, alheio ao sistema. Seu arranjo é original porque utiliza meios que extrapolam aqueles considerados marginais – trata-se de meios “transbordantes”.

O novo pensamento, no qual o *transbordo* é metáfora e *trocadilo* exerce o papel de metonímia, ergue-se na reciclagem de paradigmas – sociais e linguísticos – refutados por Estamira, já que falharam na manutenção de sua sanidade, de sua permanência entre “nós”. Opta-se por uma nova percepção, plural, heterogênea, surpreendente – como é surpreendente a capacidade de se encontrar algo útil no emaranhado de rejeitos, imundície e mau cheiro que compõe o lixo.

Transbordo e fronteira

Com base em vários autores, podemos situar o *transbordo* de Estamira em um lócus de exclusão, que extrapola o simples conflito, comum em zonas de contato entre culturas diferentes. No *transbordo*, a radical segregação remove seus habitantes para além da fronteira, do entre-lugar, da possibilidade de se estabelecer um parâmetro que possa guiar as reivindicações dos Outros, em relação a Nós. É como se toda a possibilidade de contato, essencial para o conflito de ideias e modos de vida, fosse substituída por um imenso vácuo, uma incomunicabilidade.

O que Estamira reivindica? Qual é a sua demanda, em relação à sociedade? O que, em sua ótica, falta a sua vida? Em seu discurso, permeado pela revolta e, muitas vezes, carregado de agressividade, não há lamento pela pobreza, pelo abandono ou pela precariedade. Estamira não se enxerga como vítima. Ao contrário: ela “sente dó” de Nós, por não vislumbrarmos o mundo tal como ela, a partir do local *sui generis* que é o *transbordo*.

São essas percepções sobre Estamira que nos levam a relacionar, com ressalvas, o *transbordo* e a fronteira. Ambos possuem similaridades e disparidades, mantendo uma *lpotesi*, *Juiz de Fora*, v.18, n.2, p. 115-125, jul./dez. 2014

aproximação evidente, como se um fosse decorrente do outro. Seria, o *transbordo*, o estágio posterior à fronteira?

Fomentando essa discussão, utilizamos as considerações do cientista social José de Souza Martins, em seu livro *Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano* (2009). Nesta obra, o cientista social expõe os resultados de anos de pesquisa, em pontos longínquos do Brasil, como Mato Grosso, Rondônia, Acre, Amazonas, Pará, Maranhão, Goiás e Tocantins, enfocando pessoas em situações nas quais a dignidade humana é negligenciada: mulheres e crianças raptadas, trabalhadores escravizados, sem-terras e índios expulsos de seus territórios. Uma primeira constatação, útil ao nosso trabalho, já se revela nas primeiras páginas de Martins, quando o autor revela que sua pesquisa aponta para uma fronteira que, de modo algum, resume-se à fronteira geográfica. Trata-se de uma fronteira plural e multi-significativa, entre a civilização e sua barbárie oculta, com implicações espaciais, culturais e de visões de mundo, “fronteira de etnias, fronteira da história e da historicidade do homem. E, sobretudo, fronteira do humano” (MARTINS, 2009, p. 11).

As considerações do sociólogo não são uma novidade³, embora ganhem força, na presente conjuntura, por basearem-se em um estudo genuinamente brasileiro, que se arrisca a penetrar em um país que muitos preferem crer que não existe mais, já que, pelo menos, ideologicamente, encontra-se bem distante do esmalte cosmopolita de São Paulo – cidade-mor do Brasil, quando se trata de eleger um paradigma do progresso tupiniquim. É a partir desse lócus fronteiriço que pretendemos delinear, por contraste, o *transbordo*.

A (im)pertinência do *Transbordo*

José de Souza Martins (2009) é incisivo ao afirmar que a vítima é a figura central da realidade social da fronteira e de sua importância histórica. Na categoria e na condição de vítima, podem ser destacadas duas características essenciais da constituição do humano, em suas fragilidades e dificuldades: a alteridade e a particular visibilidade do outro. Alguém que não se confunde conosco e, para nosso alívio, não é reconhecido pelos diferentes grupos sociais como constitutivo de nós. Afinal, ninguém quer ter sua imagem vinculada à da vítima da fronteira.

Entretanto, a vitimização, inerente à posição de fronteira, não chega até o *transbordo*. Isto porque só é vítima quem vive a mercê do outro – um outro que subjuga, oprime, escraviza. Estamira já esteve nessa posição – quando foi deixada pelo marido, estuprada, confinada em um hospital psiquiátrico –, até chegar ao “além dos além”, espaço bem diverso – embora relacional – à fronteira. A relação, basicamente, reside na ação empreendida pela sociedade sobre os sujeitos fronteiriços e os ocupantes do *transbordo*: inclui a segregação, a submissão e a cooptação.

No entanto, quando passamos a analisar os espaços expurgados pelo *establishment* pela perspectiva de seus habitantes – o que, muitas vezes, só é possível através de obras memorialísticas de indivíduos subalternos – a diferença é nítida. Não há vitimização no *transbordo*, assim como não há luta pela ocupação de outro local, do “lado de dentro” da sociedade. Quem ocupa o *transbordo* não anseia retornar. E por quê?

Stuart Hall nos apresenta sua teoria a respeito de indivíduos que, como Estamira, foram “dispersados” de sua terra natal. Segundo o autor, mesmo que mantenham vínculos com seus locais de origem e suas tradições, os “exilados” perdem a ilusão de um retorno ao passado, *Ipotesi, Juiz de Fora, v.18, n.2, p. 115-125, jul./dez. 2014*

passando a negociar simbolicamente com as novas culturas a que se filiam. Trata-se, pois, mais do que uma noção traumática, uma tendência do mundo globalizado, como assinala Edward Said, ao enunciar que o exílio não se confunde com o destino de infelizes quase esquecidos, despossuídos e expatriados. Torna-se algo mais próximo a uma norma, “uma experiência de atravessar fronteiras e mapear novos territórios em desafio aos limites canônicos clássicos, por mais que se devam reconhecer e registrar seus elementos de perda e tristeza” (SAID, 2005, p. 389).

Com base nessa norma – e também no fatalismo em que foi enredada –, Estamira desenvolve seu apego ao Jardim Gramacho, território que a abrigou, que se configurou como cenário perfeito para seus delírios. Para Estamira, “retornar” seria reviver o pesadelo de um lugar onde ela já não se encaixa mais; em que a única possibilidade de reabilitação está na segregação, no hospício ou no asilo. Entre a “casa de doidos” e o “depósito de restos”, ela opta pelo segundo, ciente que seu habitat não é na margem, mas no *transbordo*; local dos “astros horroroso, irrecuperável” (PRADO, 2004b, p. 119). Estamira é um desses seres irrecuperáveis, basicamente, porque não quer ser “recuperada”.

Da mesma maneira, e comprovando nossa percepção, de que o *transbordo* não é exclusivo de Estamira – mas, estende-se a todos os outros “radicalmente segregados” –, podemos mobilizar o discurso de outros catadores, companheiros de nossa personagem, que, assim como ela, fizeram, daquele local, um refúgio, mesmo que, para nós, não passe de uma “zona morta”. Como Oscar Bernardes dos Santos, de 71 anos: “Eu não gosto de acompanhar a família não, ta certo? (...) Vim parar aqui... Enquanto eu puder ficar, eu fico. Eu já acostumei a catar de tudo, é ferro, plástico grosso (...) É isso aí... Muito prazer na vida, até quando o papai do céu mandar chamar...” (PRADO, 2004b, p.95).

Outro morador do aterro, Pingueleto, de 59 anos, chega a demonstrar certo orgulho de viver em Gramacho, e revela a rede de relações desenvolvida no lixão, onde a solidariedade de seus habitantes parece compensar a negligência da sociedade:

Tô morando aqui na rampa há uns 10 anos. (...) E não tenho aborrecimento nenhum aqui. Porque eu não me misturo com ninguém. Fico com os meus amigos e os meus cachorros, e tudo bem, pô! Teve um tempo atrás, que eu tinha 25 cachorros. Agora to com 17 só, mas ta bom! (...) Quem falar que falta comida na rampa, está mentindo. (...) Eu to aqui porque eu quero. A maior felicidade da minha vida? É amizade com todo mundo. Considero todo mundo, gosto de todo mundo (...) Sou magnata, pô! (PRADO, 2004b, p. 105).

O *transbordo* difere da fronteira, porque, nele, estão aqueles que, por razões, as mais diversas, desistiram de almejar um lugar entre os “*insiders*”. No caso de Estamira, os dramas pessoais, que culminaram nos problemas mentais, podem ser os causadores dessa falta de perspectivas (pelo menos, das mesmas perspectivas das pessoas “normais”):

A vida é dura, dura, dura. A vida não tem dó não, ela é mau. Eu já agüentei muito aqui, já levei muita pancada. Já levei facada na portaria, já fui violentada 2 vezes... Eu tenho muita mancha, muita mancha, mas eu não ligo, o importante é o Superior. (...) Eu sou perfeita. Meus filhos são comum, mas eu sou perfeita (PRADO, 2004b, p. 124).

Estamira não busca respeito, amparo ou igualdade de direitos, como poderiam desejar aqueles que se encontram na subalternidade; simplesmente porque, no tempo presente, não se *Ipotesi, Juiz de Fora, v.18, n.2, p. 115-125, jul./dez. 2014*

sente desrespeitada, desamparada ou carente de qualquer coisa. Ela imagina-se “perfeita”, talvez pela liberdade da qual se sente imbuída, após desvencilhar-se das amarras de uma sociedade opressora, que a dopava, mantendo-a restrita a ambientes manicomialis. Perfeito, para a personagem, é aquele que habita o *transbordo*. Nós, circunscritos a um sistema estabelecido, somos apenas comuns; ainda continuamos sujeitos a máculas, como as que desestabilizaram Estamira.

Sob uma ótica totalmente original, que refuta a dicotomia entre centro/margem (admitindo, em vez disso, a dialética), a habitante do *transbordo* não reivindica; apenas critica. Crê na falência do modelo reificado de nossa sociedade e afirma: “tenho dó dos homens”. Para Estamira, as vítimas somos nós:

A Terra disse, ela falava, agora que ela já está morta, ela disse que então ela não seria testemunha de nada. Olha o que aconteceu com ela. Eu fiquei de mal com ela uma porção de tempo, e falei pra ela que até que ela provasse o contrário. Ela me provou o contrário, a Terra. Ela me provou o contrário porque ela é indefesa. A terra é indefesa. A minha carne, o sangue, é indefesa, como a Terra; mas eu, eu Estamira, a minha áurea não é indefesa não (PRADO, 2004b, p. 124).

Obviamente, como assinalamos em outros momentos, não há coerência no discurso de Estamira – daí o risco de incorrerem em paradoxos, ao elaborar um conceito a partir de sua fala. Mas é justamente aí que reside sua (im)pertinência (ou, dizendo de outra forma, uma pertinência construída a partir da impertinência), dentro do que nos propomos: demarcar um espaço ideológico extrínseco a outros já definidos, sejam eles de legitimação ou crítica.

A meu ver, um discurso fomentado pela loucura e pela total segregação, além dos limites do que se convencionou classificar como humano, é capaz de fugir à lógica metafísica que paira sobre todas as propostas já encadeadas de crítica social, abarcadas pela literatura e por teorizações acerca das heterogeneidades humanas.

Entretanto, a peculiaridade do discurso de Estamira não nos impede de adotar a estratégia do choque, confrontando-o com variadas teorias e autores, no sentido de tentar entendê-lo melhor. Ainda que não seja uma metodologia convencional – até mesmo, arriscada –, esta mostra-se produtiva, ao lançar luz sobre subjetividades eclipsadas e, metonimicamente, por nós relacionadas ao lixo e à sujeira.

No que tange às similaridades entre *transbordo* e fronteira, uma característica é, inegavelmente, comum aos dois espaços: “A fronteira é essencialmente o lugar da alteridade” (MARTINS, 2009, p. 123), afirma José de Souza Martins. Pois, o *transbordo* também é o local em que reside o outro, o estranho; aquele que rejeita qualquer aproximação conosco e, por isso mesmo, afasta-se ainda mais de nós. Assim como o local fronteiro, o *transbordo* congrega os rejeitados. Mas é importante ressaltar que, como já dissemos, não consideramos o *transbordo* como local de confronto, no sentido de conflito. Mas é inegável o *contraste* em relação à sociedade estabelecida, fruto do antagonismo de modos de pensar e agir. Tal oposição é resultado, inclusive, da historicidade discrepante em que se encontram os representantes do *transbordo* e aqueles que vivem sob uma ordem regida pelo capital e a tecnologia (em grande parte, às custas do equilíbrio ambiental)⁴.

Feita a ressalva, entendemos que o *transbordo*, assim como a fronteira, mantém-se graças a uma divergência. Só poderia, em tese, cessar, findado tal desalinho. Admitimos o privilégio da

dúvida, já que, como vimos, a travessia rumo ao *transbordo* é imbuída de uma tal radicalidade que nos custa acreditar na possibilidade de retorno. “Eu sou Estamira mesmo e tá acabado. Sou Estamira mesmo”⁵ – é o que sentencia nossa personagem. O habitante do *transbordo* é o que é – o que se tornou, ou o que o tornaram. Não vislumbra um retorno, e prefere não alimentar essa expectativa, até mesmo como estratégia de sobrevivência. Há que se acostumar com o além dos além...

Em suma, entre as principais características que diferenciam o *transbordo* de outros lugares críticos, enumeramos: sua radicalidade (por localizar-se além da margem), a supressão de um caráter reivindicatório (esse seria um estágio já superado por seus habitantes), a desindexação da lógica cartesiana (o *transbordo* não é da ordem do “normal”, do racional, por isso é tão difícil entendê-lo, assim como nos custa a entender que seres humanos sintam-se confortáveis em ambientes tão inóspitos como os lixões) e seu caráter contraditório, decorrente de sua lógica peculiar (as contradições emanam da própria Estamira, que entende ser a única ocupante desse espaço imaginário, e não se dá conta de todas as características que agregam pessoas como ela – que enfrentaram uma ruptura radical com o passado, com laços sociais estáveis, com a perspectiva de um futuro convencional).

Não há como abordarmos a situação de Estamira, dos habitantes de Jardim Gramacho e de tantos outros espaços “transbordantes”, com o mesmo instrumental reflexivo empregado em relação aos marginalizados e subalternos “convencionais”, pelos diversos motivos expostos ao longo deste artigo. Embora existam aproximações inegáveis, as discrepâncias evidenciam-se, especialmente ao concentrarmos-nos na postura divergente dos seres transbordantes. Portanto, o conceito de *transbordo*, aqui proposto, deve ser aplicado ao levarmos em consideração sujeitos “marginalizados” que não se consideram como tal; escapam aos mapeamentos realizados pelos estudos culturais ou subalternos, pelo simples fato de refutarem a condição de inferioridade, visto que abdicaram dos parâmetros que, até então, serviam, no *establishment*, para definir quem se encontra inserido, ou está “fora”.

Considerações Finais

Ao acatarmos a fala de Estamira, embarcando na viagem proporcionada por suas palavras errantes, despimo-nos do verniz de ordenação e eficiência que encobre o pensamento hegemônico, provocando a (pseudo) noção metafísica de que detemos a abrangência totalizante de um discurso ideal. A *episteme* eurocêntrica, que impera em nossa sociedade, *não* dá conta de todas as demandas. Não deu conta de Estamira, nem de pessoas em situações similares à dela.

Só um estratagema *sui generis* – quem sabe, próximo à metodologia proposta por Michel Foucault, na obra *As palavras e as coisas: Uma arqueologia das ciências humanas* (2000) – pode ser eficaz na investigação desse *trocadilo* enunciado pela personagem. O primeiro passo consiste na garimpagem de preciosas asserções, na triagem de elucubrações, aparentemente sem sentido. Uma escavação semelhante àquela empreendida por Estamira, quando, ao explorar as montanhas de lixo, consegue distinguir, em meio aos entulhos, o que lhe poderá ser útil. Afinal, as palavras e as coisas têm valor muito similar para a personagem, já que, como uma sobrevivente, ela garante sua subsistência cavoucando os nossos rejeitos. Como “missionária”, revela sua verdade customizando um discurso que, um dia, também nos pertenceu. A catadora de lixo nos “taca na *ipotesi, Juiz de Fora, v.18, n.2, p. 115-125, jul./dez. 2014*

cara” a crueza de seu *trocadilo*, a desconstrução de nós mesmos, munição com a qual Estamira devolve parte do lixo com o qual a soterramos. O *trocadilo* emerge dos restos, retorna como um recalque, sob a forma de protesto, de exposição das mazelas de nosso próprio sistema. É o grito que emana do *transbordo*.

A meu ver, é possível situar o *transbordo* de Estamira em um nível de *críticidade* similar (embora, distinto em sua aplicação), a outros lugares ideologicamente demarcados por críticos literários, como o *entre-lugar*⁶ do brasileiro Silviano Santiago, a *mirada estrábica*⁷ e o *pensamento fronteiriço*⁸, respectivamente, dos argentinos Ricardo Piglia e Walter Mignolo.

Embora com sentidos bastante diversos, os conceitos citados – e até mesmo os *não-lugares* de Augé e Estamira – têm um ponto de confluência inegável: o que dá origem a todos, e estimula sua problematização, é a indexação a partir de uma posição, território, região, enfim; um ponto de enunciação (ou a busca desse espaço). O que difere substancialmente o *transbordo* dos outros *loci* é a sua radicalidade, já que não existe nem mesmo o limiar entre centro e margem. O *transbordo* é “além dos além”, é beirada, deixada do lado de fora, sem prerrogativa de negociação. Mas também é paradoxal, pois emana da sociedade – foi expurgado por ela. Tem, como paradigma, uma mulher que se coloca como sua única habitante, embora concentre todos aqueles que foram submetidos à extrema segregação. O lócus enunciativo assumido pelo segregado, subalterno ou colonizado é, estrategicamente, transformado em campo de resistência, território privilegiado, de onde emanam as críticas ao sistema vigente, ao *trocadilo*, capazes – quem sabe – de desestabilizá-lo.

Going beyond the frontier: The *transbordo* as critical concept

ABSTRACT:

Based on the pre-defined strategy of, “Reading people from their loci”, it is proposed, in this article, the problematization of the new concepts: transshipment (a top priority) and the *trocadilo*. Under the interlocutory perspective with Cultural Studies, this research focuses on Estamira character, featured in the film-documentary under the same name by Marcos Prado. Estamira’s speech, as well as the exploration of the transshipment, in contrast to other “places” such as the border, underpins the proposition analysis.

Keywords: Critical Concepts. Cultural Studies. Estamira.

Notas explicativas

* Doutor em Literatura Comparada (UFMG).

¹ Para Marc Augé, “um espaço no qual nem a identidade, nem a relação e nem a história sejam simbolizados será definido como um não-lugar (non-lieu), mas essa definição pode ser aplicada a um espaço empírico preciso ou à representação que os que lá se encontram fazem desse espaço. O que é um lugar para alguns pode ser um não-lugar para outros e inversamente”. AUGÉ. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*, p. 169.

² Esta e outras observações acerca de Estamira fazem parte de minha tese de doutorado *O transbordo em Estamira, de Marcos Prado*, defendida em 2010, no Departamento de Pós-Graduação em Letras da UFMG (Poslit), tendo, como orientadora, a professora Eneida Maria de Souza.

- ³ As reflexões acerca da fronteira já renderam várias teorizações, como a “zona de resistência”, por Glória Anzaldúa. Ao discorrer sobre as tensões na fronteira entre México e Estados Unidos, a autora chicana ressaltava os desafios de se viver na fronteira, que extrapolam a materialidade e referem-se, principalmente, à dura transposição cultural e econômica. Ver mais: ANZALDÚA, G. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. 2nd. ed. San Francisco: Aunt Lute, 1999.
- Já a canadense Mary Louise Pratt utiliza o termo “zonas de contato” para designar “espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, freqüentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação” (PRATT, 1999, p. 27). Ver mais: PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- ⁴ Neste sentido, é sintomático o modo discrepante como Estamira e os outros ocupantes de Jardim Gramacho lidam com os detritos. O que, para nós, representa sujeira e inutilidade, para eles, é revestido de potencialidades e chega a ser disputado. Estamira trata o lixo com respeito. Ele é sua razão de ser: “O sr. Cisco Monturo que eu amo, eu adoro, como eu quero bem aos meus filhos e como eu quero bem aos meus amigos”. PRADO, *Jardim Gramacho*, p. 116.
- ⁵ PRADO, *Estamira*, DVD.
- ⁶ De acordo com Silviano Santiago, o *entre-lugar*, originalmente proposto para designar o “ritual antropofágico da literatura latino-americana, situa-se “entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão, - ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade...”. SANTIAGO. *Uma literatura dos trópicos*, p. 28.
- ⁷ Ricardo Piglia utiliza a expressão ao referir-se aos escritores latino-americanos, relacionando-a a “la conciencia de no tener historia, de trabajar con una tradición olvidada y ajena, la conciencia de estar desplazado e inactual”. PIGLIA. *Una propuesta para el nuevo milenio*, p. 61.
- ⁸ Segundo Mignolo, pensamento fronteiriço é “pensar além da hegemonia teórica ocidental” (p. 10) ou “mover-se além das categorias impostas pela epistemologia ocidental”. MIGNOLO. *Histories/Global Designs: an interview with Walter D. Mignolo*, p. 14. *Entrevista concedida a Elena Delgado e Rolando Romero*.

Referências

- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994. 138 p.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Vozes, 1999. 352 p.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 568 p.
- GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografia do desejo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1986. 326 p.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2003. 64 p.
- MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano*. São Paulo: Contexto, 2009. 187 p.
- PEREC, Georges. *Espécies de Espacios*. Trad. Jesús Camarero. Barcelona: Montesinos, 1999. 146 p.
- PRADO, Marcos. *Estamira*. Rio de Janeiro: RioFilme/Zazen, 2004a. Filme
- PRADO, Marcos.
Jardim Gramacho
 . Rio de Janeiro: Argumento, 2004b.

RICHARD, Nelly. *Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política*. Trad. Romulo Monte Alto. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002. 206 p.

SAID, Edward W.; SOARES, Pedro Maia. *Reflexões sobre o exílio: e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 352 p.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura dos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 220 p.

SANTOS, Darlan Roberto dos. *O transbordo em Estamira, de Marcos Prado*. Belo Horizonte, 2010. 165 p. Tese (Doutorado em Letras) Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

Recebido em: 08 de maio de 2014.

Aprovado em: 10 de outubro de 2014.